

Best-seller do New York Times

EMILY HENRY

Autora de Leitura de verão

**UMA
VIDA
E TANTO**



VERUS
EDITORA

Também de Emily Henry

Lugar feliz

Loucos por livros

De férias com você

Leitura de verão

Nem te conto

EMILY HENRY

**UMA
VIDA
E TANTO**

Tradução
Carolina Simmer
Giovanna Chinellato

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2025



VERUS
EDITORA

Título original

Great, Big, Beautiful Life

ISBN: 978-65-5924-420-1

Copyright © Emily Henry Books, LLC, 2025

Publicado mediante acordo com a autora, a/c Baror International, Inc., Armonk, NY, EUA.

Tradução © Verus Editora, 2025

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380

www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H451v

Henry, Emily

Uma vida e tanto [recurso eletrônico] / Emily Henry ; tradução Carolina Simmer, Giovanna Chinellato. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2025.

recurso digital

Tradução de: Great big beautiful life

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-420-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Chinellato, Giovanna. III. Título.

25-96891.0

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

*Para minha mãe e minhas três avós.
A vida é complicada. O amor de vocês nunca foi.*

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)



EXISTE UM VELHO ditado sobre histórias e como elas sempre têm três versões: *a sua, a minha e a verdade*. O autor da frase trabalhava na indústria cinematográfica, mas ela também vale para o jornalismo.

Precisamos ser imparciais. Precisamos apresentar fatos. Juntamos os fatos até chegarmos à verdade.

Fato: Robert Evans — produtor, executivo de cinema e ator, que cunhou esse mantra bonito sobre a verdade — foi casado sete vezes.

Fato: Eu, Alice Scott — jornalista do *The Scratch*, aspirante a biógrafa e sem muito para falar de mim além disso — não estou nem oficialmente namorando o homem com quem saio há sete meses.

Fato: Com um metro e setenta e cinco, Robert Evans tinha exatamente a minha altura.

Fato: Minha vida talvez esteja prestes a mudar por completo, e, em vez de sair correndo na direção da adorável cerca branca que me separa de um sonho que tenho desde que me entendo por gente, estou sentada no meu carro alugado, com o ar-condicionado no talo, lendo a página do IMDb de um homem cujo nome eu desconhecia até três minutos atrás só porque a frase que ele proferiu sobre histórias surgiu na minha cabeça, e também porque estou enrolando.

Neste momento, estou bem mais empolgada do que nervosa, mas ainda assim não dá para negar que estou *bem* nervosa. Respirando fundo uma última vez, desligo o carro e abro a porta.

O calor abafado de meio-dia do verão da Geórgia me acerta imediatamente por todos os lados, uma sensação familiar e muito amada que só melhora com a brisa salgada vinda do mar que cerca a ilha Little Crescent.

Verifico mais uma vez se peguei o caderno, o gravador e as canetas e, em seguida, fecho a porta e me inclino para dar uma olhada na minha franja, cada vez mais úmida, pelo espelho retrovisor lateral.

Tento conferir um ar de naturalidade para o meu sorriso. É importante que eu pareça estar de boa para o que estou prestes a fazer.

Fato: Nunca consegui estar de boa na vida.

Abro o portão, minhas sandálias estalando sobre o caminho de pedras enquanto acompanho sua curva contornando uma parede de plantas: juncos e palmeiras, cactos e suculentas, e — meu favorito — um carvalho.

Faz onze anos que moro em Los Angeles, mas ainda penso *Estou em casa* sempre que vejo um carvalho da Geórgia.

Uma casa azul-turquesa charmosa, construída sobre palafitas, surge na minha linha de visão e subo os poucos degraus de madeira gastos que levam à porta da frente, cor-de-rosa, cada centímetro dela coberto por redemoinhos brancos pintados à mão.

Fico contente quando toco a campainha e ela é adequadamente excêntrica. Tipo, parece uma campainha normal, mas, quando a aperto, escuto o som de um sino de vento.

Ainda estou puxando o ar para um suspiro preparatório para o que vou enfrentar quando a porta é escancarada e uma mulher baixinha, de cabelo branco, usando uma blusa de flanela desbotada e calça jeans, me encara com um olhar emburrado.

— Oi! — Estendo a mão. — Sou a Alice. Scott.

Ela continua me encarando e assimilo o tom muito claro de seus olhos azuis e seu cabelo cortado bem curto.

— Do *The Scratch* — acrescento, para o caso de isso despertar alguma memória.

Ela nem pisca.

— Na verdade, não vim por causa do *The Scratch*. Só trabalho lá, mas estou aqui pra falar do livro.

A expressão dela permanece plácida. Por um segundo é impossível não cogitar a possibilidade de aquilo tudo ter sido uma pegadinha muito elaborada, talvez orquestrada pelo filho de meia-idade daquela mulher, lá no computador dele, no porão da casa, onde gasta seus dias enviando e-mails e fazendo ligações fingindo uma voz aguda e meio falha, imitando uma mulher com oitenta e muitos anos, para enganar escritores inocentes como eu.

Não seria a primeira vez.

Pigarreio e abro um novo sorriso.

— Desculpa. Você é a Margaret?

Ela não *parece* ser, mas, por outro lado, as últimas fotos que vi da mulher com quem combinei me encontrar devem ter sido tiradas há cerca de três décadas. Até onde sei, essa *poderia* ser a glamourosa e quase lendária (pelo menos para um grupo seleto de pessoas, no qual me incluo) Margaret Grace Ives.

A Princesinha dos Tabloides. Conhecida tanto por ser a herdeira do império midiático da família Ives *quanto* pelos anos em que a fama que tinha fazia com que recebesse a atenção quase constante de paparazzi e colunistas de fofoca.

A mulher solta uma gargalhada sincera e escancara a porta.

— Sou a Jodi — diz ela, com um leve sotaque indeterminado. Talvez alemão.
— Entra aí.

Entro no hall fresco e o cheiro de limão e hortelã paira no ar. Jodi não faz uma pausa nem diminui o ritmo dos passos por minha causa, e só sai andando casa adentro em uma marcha acelerada, deixando que eu feche a porta e a siga correndo.

— Que lugar bonito — observo.

— É mais quente que o inferno, e o Drácula não faria nem cócegas perto de tantos mosquitos — diz ela.

Penso em Robert Evans: *a sua, a minha e a verdade*.

No fim de um corredor estreito, ela vira para entrar em outro, a casa se revelando um labirinto arejado e claro de tábuas de madeira branca na vertical e detalhes em tons esverdeados. Finalmente chegamos a uma sala de estar espaçosa, com setenta por cento das paredes formadas por janelas.

— Espera aqui enquanto chamo a *madame* pra você — orienta Jodi, o tom óbvio de quem está achando graça da situação.

Ela abre uma das portas de vidro que dá para os fundos da casa e sai para o quintal, um espaço mais amplo e desordenado que o jardim da frente, com uma pequena piscina em um dos lados.

Aproveito a oportunidade para dar uma volta lenta pela sala, ainda cheia de energia e sorrindo tanto que minhas bochechas começam a doer. Deixo minhas coisas em cima da mesa de vime baixa e cruzo os braços, para não esbarrar em nada enquanto dou uma voltinha pelo cômodo. Obras de arte forram cada centímetro das paredes e há plantas penduradas em conjuntos na frente das

janelas, com ainda mais vasos de cerâmica no chão. Um ventilador com detalhes em palha gira preguiçosamente no teto, e livros — a maioria sobre jardinagem e horticultura — estão espalhados em pilhas bagunçadas, as capas viradas para baixo e as lombadas rachadas, cobrindo todas as superfícies de madeira antiga disponíveis.

É lindo. Já estou pensando em como vou descrever essa sala. O único problema é que ainda não me convenci de que vou ter *motivo* para descrevê-la.

Porque até agora nada indica que aqui seja, de fato, a casa de Margaret Ives. Não há fotos da família famosa. Não há cópias, novas ou antigas, de qualquer um de seus inúmeros jornais e revistas. Não vejo ilustrações emolduradas da luxuosa “Casa Ives”, onde ela cresceu na costa da Califórnia, e nenhum dos Grammys do falecido marido dela está em cima da cornija da lareira. Nada concreto que a associe ao falido império midiático *nem* às alegrias e tragédias que as publicações rivais da família Ives adoravam reportar na época em que Margaret ainda estava no auge da fama.

A porta se abre de novo e me viro para encarar Jodi; reúno coragem para exigir respostas sobre quem exatamente me convidou para fazer uma viagem de onze horas de avião, além do trajeto de quarenta e cinco minutos em um Kia Rio alugado, só para aquela reunião.

Mas então vejo a mulher que vem logo atrás dela.

Ela encolheu alguns centímetros, ganhou alguns quilos — se fosse para chutar, diria que boa parte são músculos —, e o cabelo dela, antes pretíssimo, agora é uma mistura de branco e castanho meio sem graça.

Todo o ar de glamour, ou de dinheiro e poder, foi perdido, mas o brilho astuto naqueles olhos azuis é exatamente o mesmo de todas as fotos que já vi dela, com aquela *essência* nebulosa, indescritível, que a fez deixar de ser apenas uma *herdeira da fortuna de um império jornalístico* e se transformar em *princesinha da primeira página*.

— Ora, ora, olá. — O tom simpático na voz de Margaret me surpreende, assim como aconteceu durante as ligações telefônicas rápidas que trocamos nas semanas que antecederam a viagem. — Você deve ser a Alice.

Ela tira as luvas de jardinagem e as arremessa sobre o braço da cadeira de vime branca mais próxima, chegando perto de mim descalça e limpando as mãos na bata antes de estender uma delas para apertar a minha.

— É você — digo.

Todas as palavras eloquentes ou mesmo *úteis* que já juntei na vida para formar frases foram digitadas devagar, em longos intervalos de tempo. As que saem direto da minha boca tendem a soar assim.

Ela dá uma risada.

— É, acho que o fato de ser eu é justamente o que a trouxe até aqui.

Ela aperta de leve minha mão, depois a solta e gesticula para que eu me sente.

— Não, é mesmo. — Sento-me no sofá. Ela ocupa a cadeira à minha frente.
— Eu só estava tentando não criar muita expectativa! Não deu certo. Nunca dá. Mas continuo tentando.

— É mesmo? — Ela parece achar graça. — Costumo ter o problema oposto. Sempre espero o pior das pessoas.

Ela me lança um sorriso. Ele é deslumbrante e triste ao mesmo tempo.
Desluntriste.

Isso, por exemplo, é uma das coisas que *não* sobreviveria em uma frase digitada e revisada. Mas, enfim, consigo enxergar aquilo que está escondido ali, logo atrás das íris brilhantes dela: a verdade. A que ninguém nunca ficou sabendo.

Sobre como foi nascer em berço de ouro e lençóis de seda, com atores bêbados nadando completamente vestidos na piscina coberta que você tem em casa e políticos fechando acordos com apertos de mão enquanto estão sentados à sua mesa de jantar elegante.

Sobre como foi se apaixonar por um membro da realeza do rock e ser amada loucamente por ele.

E, é claro, sobre as *outras* coisas também. O escândalo, a seita, o julgamento, o acidente.

E, finalmente, vinte anos atrás, sobre o sumiço de Margaret.

O que aconteceu, mas também por quê.

E por que agora, depois de todo esse tempo, ela está disposta a contar a história inteira.

Atrás de Margaret, as portas se abrem com um rangido e Jodi volta para dentro da casa carregando um balde cheio de limões sicilianos.

— Obrigada, Jodi — agradece Margaret, sem se virar para trás.

Jodi resmunga. Não faço a *menor* ideia se as duas mulheres são amigas, um casal, patroa e funcionária ou inimigas mortais que, por um acaso, moram juntas.

Margaret cruza uma perna sobre a outra.

— Gostei das unhas — comenta ela, inclinando o queixo na direção das minhas mãos, que apoiei no colo.

O instante de conexão me deixa quase eufórica.

— São postiças.

Eu me inclino para a frente para que ela consiga ver melhor os desenhos de morangos.

— Aposto que você é o tipo de pessoa — diz ela — que tenta enxergar beleza em tudo.

— Você não é assim? — pergunto, curiosa com o sorriso leve e triste que vejo passar bem rápido por seus lábios.

Ela dá de ombros com um ar quase distraído que está mais para *Não gosto dessa pergunta* do que *Não sei*.

Então, mostrando que é mesmo uma Ives, ela redireciona a conversa:

— Então, como isso funcionaria? *Se* eu concordasse?

Não deixo o *se* me desanimar. Sei que ainda não consegui convencê-la, o que é compreensível.

— Do jeito que você quiser — prometo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— E se eu quiser que funcione como esse tipo de coisa normalmente funciona?

— Bem — respondo —, nunca fiz nada exatamente assim. No geral, escrevo reportagens e perfis. Passo uns dias, ou semanas, com a pessoa. Aí acrescento meus comentários, encaixo umas piadas. É meio que “uma pessoa olhando de fora”, sabe? Mas, com você, seria diferente.

“Minha ideia seria mais transmitir a *sua* experiência para o papel. Uma coisa mais ‘olhando de dentro pra fora’. Eu precisaria de mais tempo, talvez meses, só pra conseguir esboçar a rodada inicial de pesquisas, pra saber o que está faltando. Aí eu me hospedaria em algum lugar aqui perto e a gente combinaria um cronograma, marcaria horários para entrevistas, mas também um tempo pra eu te acompanhar.”

— Pra me acompanhar — repete ela, pensativa.

— Pra entender como é sua rotina — explico. — Ver suas plantas no quintal, com quem conversa. Passar um tempo com você e com a Jodi, e com quaisquer outros amigos que tenha na cidade.

Margaret se inclina para a frente e fecha os olhos ao mesmo tempo, soltando uma risada rápida, sincera.

— Me faz um favor e repete isso quando ela voltar.

Poucos segundos depois, Jodi entra na sala com dois copos de limonada. Coloca os dois sobre a mesa de centro.

— Obrigada, Jodi — agradeço, determinada a conquistá-la.

Ela vai embora na mesma marcha que entrou.

— Sem você eu já teria morrido — grita Margaret em um tom brincalhão.

— E eu não sei? — berra Jodi, antes de desaparecer pela porta.

Tomo um golinho da limonada, que logo se transforma em um golão, porque está incrível, refrescante e gelada, com folhas de hortelã picadas girando junto com os cubos de gelo.

Baixo o copo e me obrigo a voltar ao trabalho.

— Olha, tem escritores bem mais experientes do que eu com quem você poderia trabalhar. Um monte de gente me jogaria na frente de um ônibus pra conseguir esse trabalho, e, pra falar a verdade, eu nem julgaria.

— O que é bem preocupante — emenda Margaret.

— O que estou querendo dizer é que, se você estiver pronta pra contar sua história, merece que ela seja contada exatamente do jeito que preferir. Ela precisa ser sua e de mais ninguém. E isso só vai dar certo se você confiar plenamente na outra pessoa. Mas prometo que, se quiser escrever o livro comigo, a *sua* voz será o foco. Vai ser a minha prioridade. Garantir que a história seja sua.

O sorriso dela desaparece, o rosto ficando sério. As rugas nos cantos dos olhos e dos lábios ficam mais pronunciadas, prova de uma vida inteira vivida, não apenas dos primeiros trinta e tantos anos passados na frente do público, mas dos trinta de reclusão depois disso e dos vinte desde que ela desapareceu.

— E se — diz ela, devagar — não for isso que eu quiser?

Balanço a cabeça.

— Acho que não entendi.

— E se eu não quiser que seja a minha versão da história? — pergunta ela. — E se eu quiser que seja a verdade completa e horrível? E se eu estiver cansada de viver com a minha versão dos fatos, onde sempre sou a heroína, e quiser encarar as coisas como elas aconteceram, só pra variar?

A pergunta me pega desprevenida. Estou acostumada a ter que garantir aos meus entrevistados que não distorcerei as declarações que me derem em uma matéria maldosa que acabará com a reputação deles. Que eu *quero* considerar o quadro geral, entender aquilo que os torna humanos.

A testa de Margaret se franze diante da minha hesitação.

— Isso seria um problema?

Eu me arrasto até a beira do sofá.

— *Você* decide como quer contar a história — repito. — Se for isso que quiser, é isso que faremos.

Ela reflete sobre minha resposta por um longo instante.

— Mais uma pergunta.

— Claro.

Ela poderia me perguntar até qual é a minha história sexual mais vergonhosa e eu a desembucharia inteirinha na hora. Preciso que ela entenda que pode confiar em mim.

Ela ergue a sobancelha grisalha de novo, com ar travesso.

— Você é sempre assim tão animada?

Solto o ar. Aquele é um trabalho longo e importante demais para começar com uma mentira.

— Sou — respondo. — Sou, sim.

A gargalhada dela é interrompida pelo som do sino de vento. Margaret olha para o relógio feito com lascas de madeira em cima da cornija sem nenhum Grammy.

— É meu compromisso das duas horas. — Ela se levanta. — Vou pensar bem em tudo o que você me disse, Alice Scott.

Também me levanto de um pulo, pegando o caderno e o gravador intocados.

— De toda forma — digo —, obrigada. De verdade.

— Pelo *quê?* — pergunta ela, parecendo sinceramente confusa ao me mostrar o caminho de volta naquele labirinto de corredores.

— Por hoje — respondo. — Por ter me dado uma chance.

Pelo fato de eu *finalmente* ter uma história de trabalho para contar para minha mãe que não vai fazer com que ela revire os olhos de tanto tédio.

— Foi só uma chance. — Margaret me lembra quando chegamos à porta da frente. — Não precisa agradecer. É o mínimo que qualquer pessoa merece. E ainda estou dando uma olhada em outras possibilidades, vendo o que aparece.

— Entendo completamente, mas...

Minhas palavras desaparecem no instante em que ela abre a porta cor-de-rosa e percebo o quanto eu estava enganada.

Eu *não* entendia completamente.

O compromisso das duas horas de Margaret está parado no primeiro degrau, usando uma calça de algodão acinzentada e uma blusa branca.

O que faz meu coração ficar apertado e meu rosto empalidecer não é a roupa — apesar de a ideia de usar uma calça comprida naquele clima com certeza me deixar nervosa.

É o homem alto, de olhos escuros e nariz aquilino que a está vestindo.

Hayden Anderson.

Quatro anos atrás, talvez ele fosse conhecido como *Hayden Anderson, o jornalista de música*, e esse seria um bom resumo da carreira do cara. Só que, se ele *ainda* fosse só um jornalista de música, eu não saberia o nome dele, muito menos como ele é. Tenho uma memória boa, mas ainda não desenvolvi o hábito de decorar os créditos das matérias da *Rolling Stone*.

Enfim.

Ele não é mais só *Hayden Anderson, o jornalista de música*.

Agora, ele é *Hayden Anderson, biógrafo vencedor do prêmio Pulitzer*. Que escreveu aquele calhamaço emocionante sobre o cantor com demência.

Agora ele é Hayden Anderson, que acabou de ser mencionado por Margaret como uma das *outras possibilidades*. Uma possibilidade mais bem-sucedida, mais conhecida, mais *mais*.

Ele me estuda com os olhos escuros (inexpressivos, já que não me reconhece; e por que me reconheceria? Sou uma possibilidade inofensiva) e depois os leva até Margaret (sobre quem ele parece levemente menos desinteressado) enquanto diz, com aquela voz grossa e retumbante:

— Cheguei cedo?

— Você chegou bem na hora — responde Margaret, simpática. — A Alice já estava de saída.

Eu descreveria a expressão no rosto de Hayden como um gritante *quem caralhos é Alice*, como se ele já tivesse esquecido que há outra pessoa parada bem na frente dele, ou talvez sequer tivesse computado minha presença quando nossos olhos se encontraram.

— Olá!

Recupero o controle dos meus órgãos a ponto de permitir que meu coração volte a bombear sangue, que meus pulmões voltem a puxar oxigênio e que minha mão se estenda para apertar a dele.

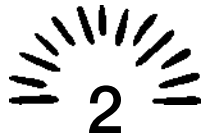
Ele ergue o braço lentamente, como se quisesse receber um pouco mais de informação antes de concordar com um contato físico.

— Eu já estava de saída — prometo, e essa declaração parece fazer efeito.

Por fim, a mão muito grande, muito quente e muito seca dele se fecha ao redor da minha, balança apenas uma vez e depois retorna para o lado de seu corpo.

— Obrigada de novo — digo para Margaret por cima do ombro enquanto sigo apressada na direção da calçada.

— Vou entrar em contato — garante ela, e me obrigo a sorrir, como se meu coração não estivesse um pouco partido, como se eu *não* estivesse prestes a me debulhar em lágrimas por causa do trabalho dos sonhos que tenho quase certeza absoluta de que acabei de perder.



PASSO MINHA PRIMEIRA noite no Grande Lucia Resort comendo balas de morango e pesquisando Hayden Anderson no Google, tentando me convencer de que aquilo não é o fim do mundo.

Primeiro, leio uma dúzia de críticas maravilhosas sobre o livro que ele escreveu. Depois, me deparo com uma matéria da *Publishers Weekly* que avalia que o primeiro ano de vendas dele deverá ultrapassar dois milhões de cópias nos Estados Unidos. Por fim, só para me torturar, assisto a uma entrevista com Hayden e o protagonista do livro, Len Stirling, em que Len conta para o entrevistador que já tinha conversado com outros nove escritores antes de Hayden se candidatar para o trabalho. Hayden, sem dar qualquer sinal de humor ou ironia, inclina o corpo para a frente e acrescenta:

— Eu sou bem competitivo.

Tento conter um gemido.

Ainda existe a *possibilidade* de Margaret preferir trabalhar comigo.

Talvez ela prefira uma mulher. Talvez ela goste de ajudar os desfavorecidos. Talvez Margaret só tenha uma antipatia natural por homens altos, fortes e talentosos, que escrevem biografias que além de *não* matarem uma eventual leitora de tédio a ponto de cair no sono, ainda levam essa leitora às lágrimas várias vezes enquanto lê o livro no restaurante de comida mexicana perto da casa dela, em Highland Park.

Podem existir vários motivos para Margaret não querer trabalhar com Hayden, assim como tenho certeza de que pode haver *vários outros* pelos quais ela *gostaria* de trabalhar comigo.

Aceno para mim mesma com a cabeça, parecendo mais confiante do que de fato me sinto, e volto a desmoronar em cima da alegre colcha xadrez da cama, olhando pela janela, de cabeça para baixo, em direção à faixa de areia da praia que fica depois do pátio do hotel.

Eu devia ter imaginado que um segredo como o do paradeiro de Margaret não duraria para sempre.

Tudo começou quatro meses atrás, quando minha matéria sobre a antiga estrela mirim Bella Girardi foi publicada. Aquela matéria era *o maior* orgulho da minha carreira até então. Cheguei a guardar em uma pasta um monte de e-mails fofos de colegas de trabalho e prints incríveis de comentários feitos na internet depois da publicação da matéria.

E tudo isso, por si só, já seria *mais* do que suficiente para compensar as semanas que eu tinha passado escrevendo e reescrevendo o texto, além de todas as conversas que tive com revisores e com a minha editora.

Mas, no final de um e-mail bem curto, encontrei um detalhezinho extra.

Adorei a matéria, escreveu LindaDaAVoltaPorCimaAos53. P.S. Sou apaixonada por aquela música do Cosmo Sinclair sobre a Margaret Ives que vc e a Bella mencionaram. Vc sabia que a Margaret agora mora em uma ilha na Geórgia e vende arte usando um pseudônimo?

Só isso. E mais nenhuma informação. E, quando respondi ao e-mail de Linda, não recebi resposta.

Passei duas semanas pesquisando toda e qualquer conexão existente entre Margaret e a Geórgia (não encontrei nenhuma) e procurando no Google combinações do nome dela com as palavras “arte” e “ilha”, mas sem sucesso. Margaret Ives tinha abandonado completamente a vida pública no começo dos anos 2000, e boatos sugeriam que ela havia se mudado para o outro lado do Atlântico após se casar com um fazendeiro italiano que tinha metade da idade dela e cultivava azeitonas.

No começo, eu tinha quase certeza de que Linda estava mentindo ou só havia se enganado.

Não existia a menor possibilidade de Margaret Ives estar na Geórgia, em uma ilha minúscula que sobrevivia do turismo, a um dia de viagem de carro da cidade natal de seu falecido marido, Cosmo Sinclair, no Tennessee.

Mas não conseguia tirar aquilo da cabeça. O boato devia ter surgido de *algum lugar*, era o que eu ficava pensando, mesmo enquanto tentava me convencer a abandonar meu otimismo natural.

Comecei a vasculhar fóruns on-line. Qualquer coisa relacionada às músicas de Cosmo, à ilustre família Ives, ao sumiço de Margaret.

Nada. Em nenhum deles.

Então acabei encontrando as teorias da conspiração. Pessoas que publicavam fotos de um suposto “Elvis” em um shopping no meio do Alabama. Ou de John F. Kennedy em Miami, usando um chapéu bucket e uma camisa quase toda desabotoada, os pelos brancos do peito contornando a corrente de ouro que tinha no pescoço. Demorou um tempo para eu encontrar a publicação sobre Margaret, mas só porque o *mistério* dos acontecimentos ao redor dela tinha esmorecido com o tempo.

As pessoas sabiam da existência da Ives Media e conheciam o palácio da família dela (que agora pertencia ao governo e estava aberto ao público para visitação). É claro que também tinham se inteirado de toda a confusão envolvendo a irmã de Margaret e aquela seita, e era bem provável que todo mundo conhecesse a famosa fotografia em preto e branco de Margaret e Cosmo correndo de mãos dadas, subindo os degraus do cartório no dia em que se casaram, o cabelo louro dele penteado para trás, o dela arrumado no estilo colmeia que era popular na época.

Mas, depois da morte trágica de Cosmo, a viúva dele havia se retirado quase que completamente do olhar público. Ela se retirou tanto que, quando desapareceu por completo, vinte anos atrás, o fato nem chegou a chamar tanto a atenção quanto teria chamado no passado.

A maioria das pessoas só aceitava que jamais descobriria o que havia acontecido com ela. Era apenas mais uma Amelia Earhart, uma mulher perdida no tempo.

No entanto, ainda restavam algumas comunidades virtuais ativas dedicadas aos boatos sobre o desaparecimento de Margaret Ives. A intenção delas era desmenti-los ou comprová-los, dependendo do ponto de vista dos comentários. Eram tipo essas comunidades de maníacos por true crime que usam trechos de entrevistas antigas como provas contra ou a favor das teorias favoritas deles.

Esses fóruns específicos não me ajudaram em nada.

O fórum Famosos com o Pé na Cova, no entanto, me levou até ali, até a ilha Little Crescent.

E, se *eu* tinha sido capaz de encontrá-la usando aquela publicação, seria impossível prever quantos outros Hayden Andersons talvez estivessem atravessando o país rumo à ilha naquele exato minuto.

Meu telefone vibra no colchão ao meu lado, e tateio o lençol até encontrá-lo. Sinto um frio na barriga de ansiedade — talvez Margaret já tenha se decidido —, mas então olho para a tela.

Theo. Uma sensação diferente toma conta do meu estômago, aquele frio na barriga que *ainda* sinto quando falo com meu ficante premium.

Como foi lá com a herdeira?, pergunta ele. Fico até emocionada por ele ter se lembrado. Talvez emocionada demais. Tudo bem que nas últimas semanas eu só falava disso. Mas mesmo assim! Ele mandou mensagem para saber como foi — isso já é alguma coisa!

Penso em como responder e me contento com: Ela é fascinante, a casa dela é um sonho e quero tanto, tanto que ela me contrate.

É tudo verdade. Não me ajudaria em nada acrescentar que *estou morrendo de medo de não ser contratada porque um cara de quase dois metros de altura que parece uma porta, já ganhou um Pulitzer e tem uma expressão tão assustadora que congelaria uma górgona apareceu por aqui.*

Fico olhando para o celular por um, dois, três minutos. Deixo o aparelho de lado. Theo me atraiu pela confiança tranquila que demonstra e por aquele jeito calmo, despreocupado, de seguir a vida. Pessoas que não levam nada muito a sério são irresistíveis. Até você precisar mandar mensagem para elas. Theo é péssimo nisso. Para ser justa, eu mesma também não sou lá muito boa, mas ele é o *rei* de mandar mensagens, receber respostas imediatas e depois esperar um dia inteiro para ler.

Até lá, talvez eu tenha perdido meu trabalho dos sonhos e também derretido inteirinha em cima desta cama, virando uma poça que antes era conhecida como a escritora Alice Scott.

— Para de fazer drama, Scott! — exclamo, tomando impulso para me levantar e fechando o laptop com força. — Você está em uma ilha linda, com a barriga roncando e a agenda livre — digo para mim mesma, pegando o celular e enfiando meus pés nas sandálias. — É melhor aproveitar essa experiência ao máximo.

A ILHA LITTLE Crescent é um destino turístico, mas *não* é famosa pela vida noturna agitada. Em grande parte, os visitantes parecem ser aposentados ou

famílias com crianças, e, às nove da noite de uma terça-feira, as opções na avenida principal são escassas.

O primeiro restaurante que encontro aberto é o Fish Bowl, e o cardápio apresentado na fachada parece ser quase inteiramente composto por álcool, sobrando só uns frutos do mar lá no fim.

O interior do estabelecimento é apertado e de uma breguice maravilhosa, com painéis de bambu nas paredes e redes de pesca penduradas no teto, decoradas com uma variedade de peixes de plástico coloridos e algas marinhas que brilham no escuro. Uma garçonete com o cabelo preso em um rabo de cavalo e usando uma blusa branca apertada e um short curto passa rápido por mim segurando uma bandeja e diz, em um tom alegre:

— Pode se sentar onde quiser, querida. Hoje está tranquilo.

Há várias mesas vazias, porém dois senhores mais velhos usando camisas de botão com uma listra vertical no centro, no típico estilo jogador de boliche, estão sentados no bar, e, como estou querendo bater papo, sigo na direção deles. No entanto, assim que começo a me sentar no banco, os dois deixam algum dinheiro na bancada de madeira escura brilhante e se levantam para ir embora.

Um deles encontra meu olhar e abro um sorriso.

Ele sorri de volta.

— Recomendo muito a Cumbuca do Capitão!

— Obrigada pela dica — respondo, e ele gesticula para mim como se tocasse a aba de um chapéu invisível antes de seguir atrás de seu amigo.

No caminho até a porta, os dois param para falar com a garçonete de rabo de cavalo e ela dá um beijo na bochecha do fã da Cumbuca do Capitão, então chego à conclusão de que ou todo mundo ali se conhece ou o atendimento daquele lugar é muito bom.

Volto a analisar o cardápio, retornando a um dilema que me acompanha praticamente desde que nasci: pedir tacos de peixe ou peixe empanado com batatas fritas.

Ainda estou refletindo sobre o assunto quando alguém coloca na minha frente uma cumbuca imensa contendo um líquido surpreendentemente azul, gelo e mais ou menos uns cinco espetinhos de fruta. Ergo o olhar, surpresa, e encontro a garçonete de rabo de cavalo sorrindo atrás do bar.

— A Cumbuca do Capitão — solta ela. — Cortesia dos próprios capitães.

— Ah, é? — Olho para a porta da frente, sabendo que os senhores de antes já foram embora. — Do que eles são capitães?

— O tio Ralph é capitão do time de boliche, e o Cecil é o capitão deste restaurante — explica ela. — Cada um deles tem certo poder de decisão, só que o Cecil manda mais aqui, o que faz sentido.

— Bom, agradeça a ele por mim da próxima vez que encontrá-lo — digo.

Ela concorda com a cabeça.

— Pode deixar. Você vai comer alguma coisa ou só vai nadar?

Ela inclina o queixo na direção da cumbuca gigantesca e cheia de um azul violentamente artificial, e solto uma gargalhada.

— O que tem nisso aqui? — pergunto.

— Tudo — diz ela. — Além de um pouco de Coca-Cola.

Tomo um gole minúsculo pelo canudo rosa-fluorescente e sinto como se tivesse inalado açúcar e depois jogado gasolina garganta baixo, mas de um jeito divertido.

— Vai comer? — pergunta de novo a mulher.

O crachá diz que o nome dela é Sheri.

Explico meu dilema para ela: tacos de peixe ou peixe empanado com batatas fritas.

— Tacos — responde ela, decidida. — Tacos são sempre uma escolha melhor.

— Perfeito.

Deixo o cardápio de lado, e ela passa rápida e graciosamente pela porta atrás do bar. Baixo o olhar para o meu drinque e solto outra gargalhada. Nunca fui de beber muito, mas daria nota dez para aquela mistura só pela apresentação. Tiro uma foto e a envio para Theo enquanto começo a mordiscar o primeiro espetinho de frutas. Se você fosse um drinque, seria assim, responde ele no mesmo instante. Divirta-se!

Pode deixar!, respondo de volta, então baixo o celular e olho novamente ao redor do restaurante. Outras duas mesas estão ocupadas além da minha: em uma delas, embaixo das janelas da frente, há uma família de cinco pessoas e, na outra, em uma cabine apertada do lado do corredor que leva ao banheiro, um cara bebendo água com gelo e comendo uma salada.

Ele ergue o olhar da água que está bebendo naquele exato momento.

Cabelo quase preto, nariz anguloso, expressão séria.

Eu me viro imediatamente para o bar com um movimento brusco, quase caindo do banco em que estou sentada. Seguro a beira da bancada para me equilibrar, sentindo o coração disparado. Não, acho que não é ele. Acho que é só minha imaginação e esse teto que brilha no escuro me pregando peças, formando Hayden Andersons a partir de sombras aleatórias.

Tomo outro golinho da Cumbuca do Capitão para me acalmar e então, devagar, como quem não quer nada, olho por cima do ombro na direção da cabine.

Ele não está mais olhando para cá. Em vez disso, está encarando algo bem na frente dele, franzindo muito a testa. Curvado sobre a mesa minúscula daquele jeito, passa a impressão de ser um urso em uma festinha de bonecas, tudo ao redor dele parecendo pequeno e frágil demais.

Com certeza é ele.

E, depois que dei uma boa olhada nele, uma parte não tão pequena de mim quer sair correndo e me esconder. O que *não* faz sentido.

Ele não é um urso. É só um cara que, por acaso, quer o mesmo trabalho que eu. Um cara que escreveu um livro que eu *adorei!*

É ridículo ficar pensando nele como se fosse meu inimigo só porque nós dois queremos escrever a história de Margaret. E é ridículo ficar sentada aqui e ignorá-lo quando estamos a três metros de distância um do outro.

Eu deveria ir até lá dar um oi.

Tomo mais um gole da Cumbuca do Capitão para dar sorte, pulo do banco e atravesso o restaurante até parar bem na frente da mesa de Hayden.

Ele não olha pra cima. Dou um segundo até ele terminar a página que está lendo, mas, mesmo depois de tocar na tela para passar para a próxima, ele não tira os olhos do e-reader.

— Oi! — cumprimento animadamente.

Ele se retrai ao som da minha voz e devagar, bem devagarinho, ergue o olhar até encontrar o meu, a testa franzida.

— A gente se conheceu mais cedo. — digo, para ajudá-lo. — Sou a Alice.

— Eu me lembro — responde ele, a voz retumbante, mas inexpressiva.

— Eu sei quem é você — digo.

Ele ergue uma das sobrancelhas escuras.

Deslizo sobre o banco da cabine, me sentando em frente a ele, nossos joelhos se esbarrando. Sempre fiquei me perguntando por que homens extremamente altos tendem a namorar mulheres adoravelmente baixinhas, mas agora acho que sei a resposta: seria impossível para um cara tão alto quanto Hayden Anderson se sentar de maneira confortável na frente de alguém com mais de um metro e sessenta de altura. Estou uns quinze centímetros acima do limite.

Eu me viro até ficar meio de lado. Ele continua me encarando com a testa franzida, o equivalente visual de um ponto de interrogação.

— Por causa do seu livro — explico. — *Nosso amigo Len*. Eu amei. Quer dizer, é óbvio. Todo mundo que leu amou. Depois do Pulitzer, ouvir isso de uma mulher aleatória em um bar deve ser meio sem graça, mas eu queria te dizer isso mesmo assim.

Os ombros dele relaxam, mas só um pouco.

— Você é amiga ou parente?

— Quê? — pergunto.

— Da Margaret — explica ele.

— Ah, nenhum dos dois. — Aceno com uma mão. — Também sou escritora.

Ele volta a concentrar o olhar em mim, me analisando diante dessa nova informação. As íris dele são mais claras do que eu pensava. Ainda castanhas, porém de um tom mais claro.

— Escritora de quê? — pergunta ele.

— Varia bastante — respondo. — Escrevi muitas matérias de interesse humano e algumas de cultura pop. Trabalho no *The Scratch*.

O rosto dele continua completamente impassível. Decido tentar uma abordagem diferente:

— Você já tinha vindo à Geórgia?

— Primeira vez — diz ele.

— Sério? — pergunto, surpresa. — De onde você é?

— Nova York — diz ele.

— Da cidade ou do estado? — pergunto.

— Da cidade.

— Você nasceu lá? — indago.

— Não — responde ele.

— Então onde você cresceu? — pergunto.

— Em Indiana — diz ele.

— Você gostava de lá? — questiono.

A testa dele, que antes estava só franzida, de repente se molda em uma careta, a boca larga permanecendo uma linha completamente reta.

— Por quê?

Solto uma risada.

— Como assim *por quê?*

— Por que você quer saber se eu gostei de ter crescido em Indiana? — pergunta ele, o rosto e a voz confluindo de forma perfeita na rabugice.

Luto contra um sorriso.

— Porque estou pensando em comprar.

Ele estreita os olhos, as íris parecendo ficar ainda mais escuras.

— Comprar o quê?

— Indiana — digo.

Ele fica me encarando.

Não consigo mais me controlar. O humor vence, e deixo outra risada escapar.

— Só estou tentando te conhecer — explico.

Ele apoia os antebraços na mesa em uma postura quase desafiadora. Então inclina a cabeça para a esquerda e diz provavelmente a última coisa que eu esperava ouvir:

— Não vai dar certo.

Inclino o corpo para trás, surpresa e confusa.

— O quê?

— Você está tentando me atrapalhar usando um joguinho psicológico — resmungo ele.

— E que “joguinho psicológico” seria esse? — pergunto, olhando ao redor do Fish Bowl, agora vazio. — Espera, tô atrapalhando você com a *Sheri*?

Giro o corpo de repente para encará-lo e nossos joelhos se esbarram de novo.

— Quem é *Sheri*? — questiona ele em um tom levemente desagradável.

— A garçonete! — Baixo a voz, para o caso de ela sair da cozinha. — Se você estava tentando chegar nela, era só avisar, eu teria voltado pra minha cumbuca...

— Não tô falando da garçonete — interrompe ele. — Tô falando do livro.

— Do livro? — repito.

Então minha ficha cai. Ele está falando do *livro*. Do livro de Margaret.

Hayden continua:

— Não sei o que está tentando conseguir com isso aqui. — Ele acena com a mão grande para nós dois. — Mas é a *Margaret Ives* que está em jogo. Eu quero esse trabalho e não vou desistir, então é melhor parar com isso.

A princípio, é difícil ouvir esse tipo de coisa vindo de um desconhecido. Ouvir alguém cujo trabalho admiro me acusar de tentar passar a perna nele profissionalmente quando eu só estava tentando conhecê-lo melhor.

Mas, por trás do incômodo, outra sensação surge, ganhando força dentro de mim.

Esperança.

Na vida, aprendi que quase toda situação tem um lado bom. Acabei de encontrar um.

Hayden franze as sobrancelhas, tirando os braços da mesa.

— Por que está fazendo isso?

— Fazendo o quê?

— *Sorrindo* — responde ele, seco.

Solto uma risadinha e deslizo para fora da cabine, ficando de pé, praticamente flutuando de volta ao bar, porque a reação dele acabou de me indicar uma informação importante — quer dizer, além do fato de que ele é um cínico desconfiado.

— Porque — digo para ele — agora sei que ainda tenho chance.

Ele revira os olhos, e me joga sobre meu banco, vibrando de empolgação, bem na hora em que Sheri abre a porta da cozinha com o quadril e se aproxima com minha cesta de tacos de peixe frito.

— Estou vendo que a Cumbuca do Capitão te deixou feliz — comenta ela.

— É ótima, mesmo — respondo, dando outro gole generoso e satisfeito.

Talvez um dos últimos que eu vá conseguir tomar, para ser sincera, a menos que eu esteja querendo ser internada ou presa mais tarde.

— Que ótimo — diz ela. — Você não está de carro, né?

— Não, estou hospedada no Grande Lucia, então vim a pé — explico.

— Ah, meu marido Robbie e eu passamos a lua de mel lá.

Sheri não parece ter idade para já estar casada, mas acho que estou levando em conta os padrões de Los Angeles. A maioria das garotas com quem estudei

na escola já se casou, e meus pais se casaram com vinte e três anos, embora minha irmã e eu só tenhamos nascido bem mais tarde.

— Vai querer mais alguma coisa? — pergunta ela com uma das mãos na cintura.

— Na verdade — digo —, queria pagar uma bebida pra alguém, se você não se importar.

Uma coisinha para melhorar o humor *dele*, já que ele melhorou o meu.

Os olhos de Sheri passam por cima do meu ombro e vão até o canto, encontrando o único outro cliente naquele nobre estabelecimento.

— No que está pensando? Uísque? Cerveja?

— Tem alguma coisa maior ou mais azul que *isso aqui*? — pergunto, apontando para minha cumbuca.

— Além de um vaso sanitário limpo, não — responde ela —, mas posso acrescentar uns hibiscos caramelizados pra dar um toque extra, se você quiser.

— Isso — digo — seria perfeito.



ACORDO COM UMA dor de cabeça lancinante. Não é possível que seja uma ressaca — posso ser fraca para bebida, mas os cinco goles do drinque que tomei ontem à noite não causariam um estrago tão grande.

Não, essa é uma dor de cabeça que conheço muito bem: abstinência de caféina.

Antes de desabar sobre minha cama de hotel com lençóis limpos ontem à noite, desativei meu alarme, coloquei o volume do celular no máximo — para o caso de Margaret resolver ligar — e fechei os blecautes.

O relógio na mesa de cabeceira anuncia que são nove e trinta e dois da manhã. Uma hora depois do que costumo tomar minha primeira xícara de café. Cambaleio para fora da cama e abro as cortinas, encontrando o brilho do sol, um céu azul limpo e ondas azul-turquesa quebrando na praia lá embaixo.

É interessante pensar que a casa de Margaret fica do outro lado da ilha, junto ao canal pantanoso que separa Little Crescent da Geórgia continental, e não aqui, na região que — a julgar pela fileira de resorts na avenida principal e pelas mansões mais distantes a leste e oeste — todos os turistas e milionários parecem preferir.

Talvez seja para evitar a companhia de outras pessoas, talvez os motivos sejam outros. De toda forma, anoto no celular para acrescentar esse questionamento à lista de perguntas que farei caso e quando ela concordar com o livro.

A última anotação que fiz, em algum momento da madrugada anterior, questiona: *Brincar com a estrutura???* Após vários segundos revirando minha memória, me lembro do que eu estava querendo dizer.

A ideia veio de *Nosso amigo Len*, o livro de Hayden.

Len Stirling havia decidido autorizar a biografia logo após receber o diagnóstico de demência, na esperança de que pudesse ajudar a diminuir a progressão da doença. Porém, mais do que isso, achava que o livro confortaria

sua família e seus amigos depois de sua partida. Não de sua morte, necessariamente, mas da perda da memória que tinha deles.

Hayden, então, resolveu contar a história de trás para a frente, cada parte se concentrando no Len de uma época diferente, conforme sua memória de curto prazo ia se deteriorando, e então, aos poucos, as memórias antigas também.

Em uma das últimas conversas em que Len ainda se lembrava de Hayden, ele compartilhava o medo de perder a si mesmo, de chegar ao ponto em que não apenas deixaria de reconhecer sua antiga banda, sua esposa ou as filhas, mas também a si mesmo.

Hayden perguntara a Len o que ele gostaria de escutar como resposta se algum dia fizesse a pergunta *Quem sou eu?*

E, de certa forma, essa pergunta era a base da estrutura do livro inteiro, a tese sobre quem, em essência, era o lendário Len Stirling. O que, no fim das contas, é o mais importante na identidade de uma pessoa.

Depois de pensar um pouco, Len respondeu para Hayden:

— Diga que sou seu amigo Len.

Àquela altura, fazia quatro anos que os dois estavam elaborando o livro, e apenas o empresário e as pessoas mais próximas de Len sabiam do diagnóstico que fora o pontapé inicial para o projeto.

E essa seção final, a parte do livro que tratava da infância de Len na foz do Mississippi, deixava de lado a lenda e o mito de forma muito bonita e apresentava apenas isto: o retrato amoroso de um amigo, de um garoto que resgatava cobras que seriam torturadas pelas crianças da vizinhança, que baixara a cabeça de vergonha após roubar uma bala no aniversário do irmão caçula, um Len mais humano do que provavelmente tinha sido em muito tempo.

É óbvio que eu não imitaria aquela estrutura para o livro de Margaret, mas encontrar um recurso diferente nesse mesmo estilo poderia me ajudar a alcançar algo parecido, a remover os rótulos, os boatos e as histórias a respeito dela que se acumularam, e revelar a *pessoa* de verdade.

Mas, antes de eu conseguir pensar melhor nisso, preciso de café.

Tomo um banho rápido e me arrumo: uma saia cor-de-rosa que está, tecnicamente, meio curta demais, brincos grandes em formato de melancia e uma blusa de tricô branca. Calço as sandálias, pego a bolsa, os óculos escuros e

a chave do quarto, e saio para a brisa fresca da manhã, uma camada de sal cobrindo minha pele quase que no mesmo instante.

Desço os degraus de forma ágil e entro no carro. Ontem, tomei café no Main Street Bean antes da reunião com Margaret e não me impressionei, mas depois vi uma dica na internet de uma cafeteria com avaliações ótimas, próxima da ponte que saía da ilha.

Após digitar o nome do lugar — Little Croissant — no celular, ligo o carro. A música do The Cranberries que eu estava escutando na volta da casa de Margaret ontem começa a tocar automaticamente e abro as janelas enquanto saio do estacionamento do hotel.

Dentro de poucos minutos, as palmeiras que ladeiam a rua em intervalos regulares são substituídas por uma vegetação mais selvagem: ciprestes, carvalhos e agaves imensos, a grama alta sob eles coberta pelas sombras projetadas pelo sol.

Viro à esquerda na estrada com quatro pistas que sai da cidade e da ilha, os olhos alternando entre o GPS e as ruas estreitas conforme vou passando por elas.

Lá na frente surge uma rua larga de terra batida com mais palmeiras e um conjunto de placas de madeira pintadas em tons vivos sob uma placa maior que anuncia o centrinho de Little Crescent.

Café e Bar Little Croissant
Pizzeria Two Dudes
Antiquário Turquoise Turtle
Artes Finas e Joalheria Esmeralda
Sisters o' the Sea
Bar Booze Hound

Viro a esquina e me vejo bem no meio de duas fileiras iguais de lojinhas apertadas, cada uma pintada com a cor alegre de sua respectiva placa. De ambos os lados da rua por onde se estende o centro comercial, os estabelecimentos estão construídos sobre plataformas de madeira acinzentada — uma proteção contra enchentes —, e todas as lojas estão com as portas escancaradas, com clientes entrando e saindo munidos de copos de café.

A rua termina em um estacionamento circular, de cascalho branco, com uma grande árvore retorcida no meio, e paro na vaga mais próxima que encontro, deixando as janelas abertas para que o carro não vire um forno. Saio e, do lado

de fora, aproveito um instante para admirar o cantinho charmoso escondido na floresta. Em seguida, vou para o Little Croissant.

A fila termina nos degraus da plataforma, mas demoro só alguns minutos para fazer meu pedido, e, como só quero um café coado, fico esperando por pouco tempo sob os toldos da área externa superior (também há um pátio com chão de pedra ao lado da plataforma) antes de um atendente adolescente chamar meu nome na janela por onde entregam as bebidas.

— Obrigada! — agradeço ao pegar o copo.

Mesmo depois de duas décadas queimando a língua, ainda não aprendi a tomar cuidado com o primeiro gole, e é por isso que acabo com a boca *bem* cheia de algo que *com certeza* não é café, o que, por consequência, é nojento.

Quase cuspo tudo, mas, no último segundo, me obrigo a segurar o líquido na boca por tempo suficiente para virar o copo e ler o nome e o pedido anotado na lateral.

Chá verde. (Instantaneamente menos nojento agora que sei o que é.)

Hayden. (Instantaneamente mais humilhante.)

— Este deve ser o seu, então — diz uma voz grave e retumbante às minhas costas, e me viro para encontrar um peitoral gigantesco com uma camisa cinza e úmida da Universidade Purdue grudada nele.

Meus olhos sobem por uma clavícula, um pomo-de-adão e um maxilar bem definido até um nariz anguloso e olhos castanho-claros irritados.

É impressionante que eu tenha conseguido me lembrar de engolir o chá antes de soltar:

— Por que você está tão molhado?

O olhar irritado dele se intensifica conforme estica o copo de papel que tem na mão para mim, meu nome nitidamente escrito na lateral.

— Se chama suor. Acontece quando você corre.

Aceito o copo e entrego o que estou segurando para ele.

— Do que você estava correndo? — pergunto, com ar inocente.

— Do tédio — diz ele, seco. — *E* da preguiça.

— Eu não fazia *ideia* de que existiam preguiças por aqui!

Ele fica me encarando, tentando entender se estou falando sério. Sinto meu sorriso aumentar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Vida e Tanto Emily Henry" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).